

O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO BRASIL E EM QUARAÍ: MUDANÇAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

EDUCACIÓN REMOTA DE EMERGENCIA EN BRASIL Y EN QUARAÍ: CAMBIOS Y DESAFÍOS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Taiane Mello Ratzlaff*

RESUMO: O presente artigo, situado na área da Linguística Aplicada (LA), tem como finalidade maior discutir sobre a qualidade e o direito da Educação Básica para todos em tempos de pandemia e de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Embora o ERE tenha sido a solução encontrada para resolver os problemas da educação neste momento crítico, com o mínimo de prejuízos aos alunos, é inegável que ficam enormes lacunas, já que professores e estudantes não estavam preparados para um ensino mediado pelas ferramentas digitais em tempos pandêmicos. Nesse mesmo sentido, também é necessário destacar os desafios enfrentados pelos professores frente à falta de letramentos digitais necessária para o ensino e a aprendizagem de línguas na atualidade. O objetivo geral deste artigo é analisar o impacto que o ERE tem causado na aprendizagem dos alunos da Educação Básica no Brasil, de modo geral, e em Quaraí, Rio Grande do Sul, especificamente. O trabalho, de caráter qualitativo, se justifica tendo em vista a importância da discussão sobre a educação aliada à tecnologia e a importância dos letramentos digitais para o sucesso das práticas educativas em tempo de pandemia do COVID-19. Os resultados apontam para a importância de a prática docente acompanhar a sociedade e, portanto, os professores contarem com capacitação e formação continuada, principalmente para o uso das tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Tecnologias Digitais de informação e comunicação. Letramentos Digitais.

RESUMEN: Este artículo, ubicado en el campo de la Lingüística Aplicada (LA), tiene como objetivo discutir la calidad y el derecho de la Educación Básica para todos en tiempos de pandemia y Enseñanza Remota de Emergencia (ERE). Si bien el ERE fue la solución encontrada para resolver los problemas de la educación en este momento crítico, con un daño mínimo a los estudiantes, es innegable que existen enormes brechas, ya que docentes y estudiantes no estaban preparados para la enseñanza mediada por herramientas digitales en tiempos de pandemia. En este mismo sentido, también es necesario resaltar los desafíos que enfrentan los docentes ante la falta de literacidades digitales necesaria para la enseñanza y el aprendizaje de idiomas en la actualidad. El objetivo general de este artículo es analizar el impacto que ha tenido el ERE en el aprendizaje de los estudiantes de Educación Básica en Brasil, en general, y en Quaraí, Rio Grande do Sul, específicamente. Este trabajo cualitativo se justifica en vista de la importancia de la discusión sobre educación combinada con tecnología y la importancia de las literacidades digitales para el éxito de las prácticas educativas durante la pandemia de COVID-19. Los resultados apuntan a la importancia de la práctica docente para acompañar a la sociedad y, por

* E-mail: taianeratzlaff.aluno@unipampa.edu.br

tanto, los docentes necesitan de formación y formación continua, especialmente para el uso de tecnologías.

PALABRAS CLAVE: Pandemia. Tecnologías de la información y la comunicación digitales. Literatura digital.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, situado na área da Linguística Aplicada (LA), tem como finalidade discutir sobre a qualidade e o direito da Educação Básica para todos em tempos de pandemia e de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

O ERE no Brasil, apesar de muito importante para a saúde pública e para a diminuição dos casos de contaminação por COVID-19, mostrou-se excludente, agravando a questão da qualidade da educação pública, não garantindo a igualdade de ensino e de aprendizado a todos os estudantes. Embora o ERE tenha sido a solução encontrada para atenuar alguns dos problemas da educação neste momento crítico, é inegável que ficam enormes lacunas no cenário nacional, de ordem econômica, estrutural, social, cultural e, principalmente, pedagógica.

É preciso ter em mente também que o ERE, adotado de maneira emergencial para diminuir os prejuízos de ensino e aprendizagem dos alunos durante a pandemia nos anos de 2020 e 2021, difere da Educação a Distância (EAD), modalidade educacional consagrada que conta com toda uma estrutura e uma metodologia própria para funcionar de maneira adequada. A EAD já ocupa um lugar na vida de muitos brasileiros, sendo de extrema importância para aqueles que cursam uma graduação não-presencial. Os profissionais que atuam nessa modalidade de ensino são capacitados para isso, diferente do que ocorre no ERE.

Mesmo antes dos tempos de pandemia, a educação já sinalizava a necessidade de se adaptar às novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), sendo tal adaptação um desafio para toda a comunidade escolar. Com o isolamento social, necessário na atual situação, o ERE tomou lugar das aulas presenciais, sendo ainda mais urgente (e, em muitos casos, desgastante) para professores e alunos a adaptação brusca para um ensino mais tecnológico e digital. Portanto, são notórias as mudanças pelas quais o sistema educacional terá que passar, sendo um dos grandes desafios do período de pós-pandemia o de reparar perdas ocasionadas pelo ensino remoto.

Tendo em vista as considerações prévias, o objetivo geral deste artigo é analisar o impacto que o ERE tem causado na aprendizagem dos alunos da Educação Básica no Brasil, de modo geral, e em Quaraí, Rio Grande do Sul, especificamente. Quaraí é um pequeno município de fronteira, com cerca de 24 mil habitantes, e o registro da implementação do ERE e sua avaliação nesses contextos mais afastados de grandes centros urbanos e capitais é necessário para uma compreensão mais complexa do cenário pandêmico vivido.

Os objetivos específicos deste trabalho são: (1) Discutir os problemas e possíveis soluções que existem no ERE; (2) Compreender as condições de aprendizagem de estudantes da Educação Básica do município de Quaraí no ERE; (3) Contribuir para a discussão do momento vivido pela educação brasileira no que diz respeito ao ensino online.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho foi desenvolvido para discutir e destacar a importância dos professores para a educação no ERE, tendo em vista que as ações promovidas para o combate da pandemia do COVID-19 interromperam as aulas, no sistema presencial, na metade do mês de março de 2020. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, essa ação impactou 47,9 milhões de alunos, somente na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio). O que se seguiu foi uma série de ações educacionais implementadas de forma urgente e sem preparação prévia, haja vista o ineditismo da situação. Assim sendo, tendo em vista a ausência de bibliografia e literatura mais específica sobre o ERE no Brasil, este trabalho tem como arcabouço teórico pesquisas das áreas da Educação e da LA que abordam a importância do ensino online na atualidade e os Letramentos Digitais.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO *ON LINE* NA ATUALIDADE

A pandemia da COVID-19 instaurou uma realidade para a qual alunos e professores não se encontravam preparados (RIBEIRO, 2020; COSTA, 2021). De um contexto de ensino presencial, ao qual estavam acostumados, os protagonistas da educação se viram trabalhando em um sistema remoto de ensino, para o qual não estavam habilitados. Foram necessárias muitas mudanças, transformações e

adaptações para que se estabelecesse um ensino adequado ao momento que todos estamos vivenciando. É neste sentido que cumpre registrar e refletir sobre as mudanças ocorridas na educação nesse período de pandemia, que certamente vai se constituir como um importante momento histórico, já que promoverá profundas modificações na profissão docente e no ensino e na aprendizagem de línguas.

Segundo Nóvoa (2019), a educação e a escola, em momentos de metamorfose, têm em seus professores peças essenciais para que essas mudanças aconteçam de maneira satisfatória. São eles que conduzem as inovações, introduzindo-as no ambiente escolar. Porém, para que isso ocorra, o profissional deve ser capacitado e valorizado, o que, infelizmente, não corresponde à nossa realidade brasileira, onde os professores e as instituições de educação tendem a sistematicamente sucateados e atacados, tanto pela mídia quanto pelo atual governo.

Sobre as mudanças que estão ocorrendo na educação, Morin já havia sinalizado que, nas próximas décadas, a escola passaria por uma metamorfose, na qual as alterações seriam tais que gerariam uma nova origem (MORIN, 2011). Com a chegada da pandemia, as salas de aula mudaram, tornando-se salas de aula *online*, e essas salas estavam na casa dos professores e dos alunos, invadindo o seu cotidiano e a sua intimidade. Esse momento inicial (os primeiros meses de pandemia, em 2020), foi de desespero, tanto dos professores, que encontraram inúmeras dificuldades em trabalhar com a tecnologia em suas aulas, como dos pais dos estudantes, que não possuíam uma formação adequada para ensinar seus filhos em casa; esses motivos fizeram com que as aulas remotas se tornassem algo desafiador e, por vezes, desmotivador.

Sabe-se que a educação é um direito de todo o cidadão, e a educação *online*, em grande medida, é uma ferramenta para tentar garantir isso, levando ensino de qualidade para as pessoas independentemente do tempo e do espaço em que elas se localizam. Entretanto, com as precariedades educacionais (RIBEIRO, 2020) e dificuldades socioeconômicas que fazem parte da vida da grande maioria dos brasileiros, e tendo em vista a atual realidade de crise em que se encontra o país, é nítido que a pandemia veio tornar ainda mais visível a desigualdade social, mostrando que muitas famílias não dispõem dos produtos mais básicos, quanto mais de tecnologias e internet de qualidade que permita o acesso dos alunos às aulas *online*.

A professora de História Elisa Mara Goulart, da rede estadual do Paraná, em entrevista⁸⁴ à “Brasil de Fato”, destaca que as Secretarias de Educação têm como principal orientação para os professores a seguinte prioridade: que eles (profissionais da educação) tentem de todas as maneiras que os alunos não percam o vínculo com a escola, e que garantam uma rotina mínima de estudos nesse momento de isolamento social. Porém, o que vimos com a chegada do ERE, é que a educação não consegue alcançar a todos os alunos.

Os desafios na educação sempre foram numerosos, como, por exemplo, a repetência e a evasão escolar, fatores de preocupação de pais e professores, mas com o sistema de aulas *online* essas dificuldades foram potencializadas. Isso porque muitos alunos se sentem desmotivados sem a presença do professor e, também, em função da falta de manejo adequado com as tecnologias por parte de muitos educadores, e isso é um dos motivos possíveis para que deixem de assistir às aulas e de enviar os trabalhos. Antunes (2003) afirma que, na escola,

ainda persistem práticas inadequadas e irrelevantes, não condizente com as mais recentes concepções de língua e, conseqüentemente, com os objetivos mais amplos que legitimamente se pode pretender para o seu ensino (ANTUNES, 2003, p.13)

O que vemos hoje é que a escola, ao insistir nessas práticas inadequadas de ensino, não só de línguas, mas de forma geral, não se preparou para o futuro que, embora estivesse anunciado há algum tempo, chegou muito repentinamente e obrigou os professores a adaptarem suas práticas à exigência do momento. Essas mudanças drásticas têm causado muitos problemas para os alunos e, também, para os professores que têm sido verdadeiros heróis ao tentar superar as inúmeras dificuldades enfrentadas.

O fato de muitos professores não terem habilidade no uso das tecnologias aplicadas à educação e não terem costume de incluir as tecnologias em suas práticas tem sido um dos motivos pelos quais as aulas em ensino remoto não funcionam como deveriam. Esse é um dos fatores, mas segundo uma pesquisa feita pelo Instituto

⁸⁴ Entrevista disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/professores-pais-e-alunos-aponam-dificuldades-e-limitacoes-no-ensino-a-distancia>>.

Península⁸⁵, existem muitos outros. Por exemplo: (1) a falta de infraestrutura (falta de um ambiente adequado para trabalhar em casa) e de conectividade (RIBEIRO, 2020), (2) a falta de familiaridade com as tecnologias digitais (COSTA, 2021), (3) a inexperiência em lidar com os pais e familiares (que passaram a assumir o papel de mediadores no ERE) e (4) o lado emocional (medo, insegurança, estresse).

O professor e especialista em gestão pública, Renato Casagrand, acrescenta que os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, são os que terão mais dificuldades⁸⁶, pois é muito difícil as crianças trabalharem sozinhas, elas precisam de acompanhamento e tutoria. O ERE, da maneira como está sendo desenvolvido, não é suficiente para garantir um ensino de línguas adequado para as crianças.

Sem dúvidas, esse tema pode ser considerado o ponto de partida para a emergência de uma formação docente sistematizada que inclua trabalhar com tecnologias digitais nos cursos de formação de professores. Toda a experiência que estão tendo os professores de línguas certamente vai contribuir para que passem a traçar estratégias que objetivem contornar as adversidades encontradas futuramente. Freire já preconizava que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, e que é refletindo criticamente sobre ela que pode se melhorar a próxima prática (FREIRE, 1996, p. 43). Apesar de todas as dificuldades, pode-se presumir que os professores estão tendo a oportunidade de repensar sua prática, deixando-a em maior conexão com um mundo mais tecnológico e digital.

O Patrono da Educação Brasileira, que deixou um legado bastante atual para pensar as tecnologias na educação (COSTA *et al.*, 2020a), também defendia a formação continuada, a constante aprendizagem dos professores, que faz com que se adaptem às demandas da educação. Afirmava Freire: “A melhora da qualidade da educação implica a formação permanente dos educadores. E a formação permanente se funda na prática de analisar a prática.” (FREIRE, 2001a, p.72). Nesse sentido, é importante enfatizar o papel da formação docente para a educação online.

⁸⁵ Disponível em:

https://institutopeninsula.org.br/wpcontent/uploads/2020/05/Covid19_InstitutoPeninsula_Fase2_at%C3%A9A91405-1.pdf.

⁸⁶ Disponível em: <https://quiadoestudante.abril.com.br/atualidades/coronavirus-no-brasil-como-a-pandemia-prejudica-a-educacao/>>.

Entendendo que a sociedade muda, os tempos se alteram e as práticas se modificam, é necessário que o professor se atualize constantemente para responder adequadamente às demandas educativas impostas por cada contexto. A profissão de professor é uma das que exige um eterno conhecer, pesquisar, estudar, aprender, buscar o novo, procurar novas e diferentes metodologias de ensino e aprendizagem de modo a auxiliar o aluno na construção de seu conhecimento. Freire defendia: “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58).

O que se pode entender, tendo em vista tudo o que têm sido escrito e observado pelo atual momento vivido, é que é impossível ignorar o impacto da pandemia na educação, e que se faz necessário um envolvimento de todos os segmentos da comunidade escolar e também do governo com políticas públicas que promovam o acesso à tecnologias e internet de qualidade para que a educação possa acontecer e o conhecimento chegue a alunos e professores em qualquer momento, mesmo nesse para o qual não se estava preparado. Nóvoa esclarece que “É preciso encontrar uma saída, urgente, que passa pelas políticas, mas passa também pela mobilização da sociedade e de todos aqueles que acreditam na força da escola pública e da sua importância” (NÓVOA, 2019, p. 11).

É preciso que haja um movimento no sentido de minimizar, na atualidade e reparar, no futuro, as possíveis perdas ocorridas neste período tão difícil para todos, pois “O futuro escreve-se na coragem da ação. Pensar a coisa certa é agir” (NÓVOA, 2019, p. 14).

2.2. A IMPORTÂNCIA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS

Muitas interpretações têm sido dadas ao termo “Linguística Aplicada”. E conceituar o campo de LA não têm sido tarefa simples para aqueles que se dedicam ao seu estudo. Celani (1992, p. 19) declara que: “A LA é o ponto, então, onde o estudo da linguagem se intersecciona com outras disciplinas”. De acordo com Oliveira, citada por Barreto (2009, p. 2), a LA

apresenta-se como o estudo das práticas de linguagem, tomando como alicerce uma perspectiva transdisciplinar, adotando como ponto de partida uma problemática com a qual nos deparamos ao usar a linguagem, em um determinado contexto de ação.

Mas sob que perspectiva a LA está relacionada à tecnologia e ao ERE? Em grande medida, é no centro do campo interdisciplinar de LA que muitos estudos sobre tecnologias e aprendizagem de línguas mediada por computador foram produzidos e consolidados na última década. (COSTA *et al.*, 2020b). Leffa (2001) traz um questionamento sobre até que ponto o uso das tecnologias afeta a linguagem entre as pessoas. E, também, afirma que

Em todas as situações onde duas ou mais pessoas interagem através da linguagem, a Linguística Aplicada pode interferir para tornar a interação mais eficaz, chamando a atenção para as barreiras que devem ser evitadas, e oferecendo estratégias para acelerar os procedimentos que devem ser intensificados. (LEFFA, 2001, p. 6)

Nesse sentido compreende-se que a LA está relacionada a esse contexto em que alunos e professores necessitaram comunicar-se mediados pela tecnologia digital e em rede, algo totalmente novo, pois a realidade das escolas ainda é o ensino presencial, no qual nem sempre as tecnologias foram ou são bem-vindas (COSTA; FIALHO, 2017).

A LA, atualmente, apresenta como uma de suas principais tendências os estudos de letramentos (COSTA *et al.*, 2020b). Letramento é um termo que, conforme as autoras Justo e Rubio, “vai além do ler e escrever, onde é necessário interagir com a leitura e a escrita dentro e fora do contexto escolar, de modo a cumprir as exigências atuais da sociedade” (JUSTO; RUBIO, 2013, p. 1). E essa afirmação representa esse momento em que as aulas e, portanto, a leitura e a escrita, se realizaram em sistema de ensino remoto. Certamente, o campo de LA irá discutir como foram feitas essas práticas, como se deu a comunicação e a aprendizagem de línguas entre professores e alunos neste período conturbado.

Importante ressaltar que Monteiro (1999) aponta que a LA analisa os processos de letramento pelos quais as sociedades passam, e que estes processos constituem “um continuum, que de certa forma nunca está concluído, em decorrência principalmente das transformações tecnológicas e sociais que as sociedades vão sofrendo” (MONTEIRO, 1999, p. 115). Nessa perspectiva é possível perceber que a LA está intimamente ligada às discussões sobre os fenômenos em continuidade, como é o caso do ensino e da aprendizagem em tempos de pandemia do COVID-19. Nesse mesmo entendimento, Santos e Paz (2014) afirmam que

os estudos do letramento se relacionam muito bem com as investigações da LA, exatamente por se apresentar de maneira também mestiça,

inter/transdisciplinar, preocupados com as práticas sociais, deixando de lado, investigações que não se voltam para as demandas sociais do cotidiano. (SANTOS; PAZ, 2014, p. 10).

Se letramento vai muito além da escrita e leitura, alinhando essas às práticas sociais, outro termo muito discutido em estudos na área de linguagens, na atualidade, foi determinante para o sucesso ou a falta dele nesse momento de incertezas pelo qual passou a educação. Esse termo é “letramento digital”.

Gama (2021) avalia que, por muito tempo, discutiu-se o letramento relacionado apenas à leitura e a escrita feita em papel, mas que a discussão se ampliou, tendo em vista o crescimento das TDICs, o que tem feito com que as práticas sociais de leitura e de escrita se deem em ambientes digitais e com lógicas em rede. Esse fato formou base “para estudos de subcategorias de letramento(s), como, por exemplo, a do digital, que se faz necessária, na sociedade pós-moderna na qual as tecnologias fazem parte do cotidiano” (GAMA, 2012, s.p.).

O ERE só foi possível com o uso do celular, do computador, do tablet, da internet, das plataformas digitais, entre outras ferramentas tecnológicas, o que comprova a importância dos letramentos digitais por parte de alunos e de professores, a fim de possibilitar um ensino adequado ao momento e à sociedade. Porém o que vimos foi o que a falta desse letramento é capaz de provocar em uma sociedade que tem a grande maioria de suas ações mediadas pelas tecnologias. Nesse sentido podemos perceber que a escola falhou consideravelmente em criar as condições necessárias para os letramentos digitais, já que a tecnologia, que faz parte da vida do aluno fora da escola, já deveria estar presente há muito tempo dentro do espaço escolar.

O movimento da sociedade em relação às tecnologias, infelizmente não foi percebido, ou foi ignorado por muitos docentes, pela escola e pelos governos. Em função disso, hoje temos grandes problemas na implantação do ERE. Em um momento em que a educação só foi possível mediada pelas ferramentas digitais, a grande maioria dos professores não sabia como utilizar as plataformas virtuais, não conhecia os recursos necessários para ministrar uma aula *online* ou fazer um vídeo explicativo. Além disso, docentes não possuíam o básico de infraestrutura, como uma internet de qualidade. Como os cursos de formação ainda não trabalham de forma adequada a inserção da tecnologia nas práticas educativas, foi preciso que o professor procurasse ter aquele perfil de pesquisador, inovador, reflexivo sobre a

prática proposto por Freire (1996). O professor recorreu à criatividade e à inovação, fazendo o que era possível para manter o sistema educacional.

Costa *et al.* (2020a) destacam, sobre a atualidade do pensamento freireano, que o grande educador Paulo Freire já visualizava as possibilidades do uso das tecnologias aliadas à educação décadas atrás. “Defendia Freire que os computadores (e as tecnologias, de modo geral), em lugar de reduzir, poderiam expandir a capacidade crítica e criativa dos(as) estudantes. (COSTA *et al.*, 2020a, p. 3). Os autores também baseiam seu pensamento na ideia freireana de que o educador necessita ser curioso, indagador e estar em constante aprendizagem, o que nos leva a inferir que com o avanço do uso das tecnologias digitais o professor deveria, em tese, estar familiarizado com as inúmeras ferramentas digitais disponíveis para auxiliar na sua prática educativa.

Portanto é inegável a importância dos letramentos digitais na atualidade, tendo em vista que se vive em uma sociedade digital, onde ações importantes do cotidiano são mediadas pela tecnologia. Além disso, o ensino e aprendizagem, por quase dois anos, precisou ser feito somente através de ferramentas digitais, e, para que isso acontecesse, foi necessário que professores e alunos passassem por esse letramento e aprendessem a utilizar essas ferramentas, para mediar sua comunicação e aquisição de conhecimentos. Fica é a certeza de que a educação deve estar sempre em sintonia com a realidade da sociedade, e que os professores devem estar em contínuo aprendizado, trazendo para a sua sala de aula a realidade vivida pelo aluno fora dos muros da escola.

[...] vivemos novos tempos, novos letramentos. Ser letrado hoje não é garantia de que seremos letrados amanhã, uma vez que as novas tecnologias se renovam continuamente, exigindo leitores e produtores de textos experientes em várias mídias. As escolas precisam preparar os alunos também para o letramento digital, com competências e formas de pensar adicionais ao que antes era previsto para o impresso (COSCARRELLI, 2016, p. 17).

O perfil do professor proposto por Freire (1996) será aquele que, neste momento em que vivemos, auxilia seu aluno na conquista desses letramentos tão necessários, não só para a educação, mas também para a prática cidadã.

3. METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida nesse estudo é de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, conforme Zanella (2011),

[...] preocupa-se em conhecer a realidade, segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. Busca é conhecer significados, opiniões e percepções dos sujeitos participantes da pesquisa. (ZANELLA, 2011, p. 104).

Quanto aos objetivos, a pesquisa define-se como exploratória, que, conforme Oliveira (2008), pode ser identificada como um início, um primeiro passo para a realização de uma pesquisa mais aprofundada, deixando sempre espaço para o surgimento de novas ideias e diferentes perspectivas. Essa concepção serve perfeitamente para investigar o tema proposto no trabalho, isto é, o ERE no Brasil e os desafios atuais na Educação Básica. Tal tema, além de bastante complexo, ainda vai gerar ainda muito debate sobre o assunto, haja vista a importância da educação que virá, a educação pós-pandemia.

Embora o *lócus* da pesquisa possa ser considerado, de forma ampla, o Brasil, o contexto mais específico do estudo recai sobre o município de Quaraí, Rio Grande do Sul (RS). Parte-se do seguinte pressuposto: é importante dar visibilidade aos contextos mais específicos de ensino e, nesse sentido, a presente pesquisa contribui também com o registro dos principais desafios do ERE no referido município.

O principal procedimento de pesquisa foi a revisão bibliográfica, definida por Zanella (2011) como uma forma de conhecer o objeto de estudo, suas peculiaridades e seus problemas. Este trabalho foi fundamentado em alguns autores que tratam da formação docente, como Nóvoa (2019), Freire (1996) e Alves (2020), entre outros autores da área da Educação de forma ampla. Mais pontualmente da área da LA foram mobilizados os trabalhos de Leffa (2001), Antunes (2003), Coscarelli (2016), Ribeiro (2020), Fialho (2021) e Costa (2021). O acesso à bibliografia deu-se de forma virtual, tendo em vista as limitações do período de isolamento, que dificulta outras práticas de pesquisa bibliográfica. Além de livros e artigos publicados em periódicos, foram pesquisados projetos e pesquisas dedicadas a entender o momento que vivemos e os possíveis danos ocasionados pelo sistema de ERE.

O tipo de pesquisa escolhido contribuiu para a investigação, pois, de modo geral, esta busca registrar e compreender o momento vivido por professores e alunos

neste contexto de pandemia, no qual as aulas (de maneira repentina) passaram a ser de forma remota, tal qual o nosso modo atual de fazer pesquisa. Nesse viés, pesquisadores precisaram adaptar-se, assim como o professor de línguas em seu contexto de trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. CARACTERÍSTICAS DO ERE

O ERE foi criado provisoriamente com o intuito de levar educação para todos os cantos do país, mesmo com o cenário de distanciamento social na pandemia de COVID-19. Suas características básicas são aulas online (quando possível) e a distância (não necessariamente online), o que faz com que muitos confundam com EAD. Sobre esse assunto, Fialho (2021) sistematiza aproximações e diferenças entre ERE e EAD.

Imagem 1: Aproximações e distanciamentos entre EAD e ERE.



Fonte: Fialho (2021).

Em muitos casos, as atividades do ERE cumprem o horário presencial, principalmente com certos recursos digitais disponibilizados aos alunos para que realizem as tarefas e devolvam online no dia estipulado (tanto em casos de aulas

síncronas quanto assíncronas). As aulas geralmente ocorrem de duas maneiras, sendo uma delas a aula prevista para ser presencial, mas adaptada para o ERE, mantendo o planejamento da escola, e a outra já pensada e concebida no formato remoto, o que pode incluir vídeo-aulas, que podem ser acessadas ou baixadas por download, e/ou pelo Google Classroom (ou algum outro Ambiente Virtual de Aprendizagem) e alguma outra ferramenta de web-conferência, como Skype ou Zoom. Por isso, Alves (2020) aponta que o ERE se caracteriza como a mediação entre as práticas pedagógicas e a tecnologia. Segundo Behar (2020):

No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é “substituída” por uma presença digital numa aula online, o que se chama de ‘presença social’ (BEHAR, 2020, s.p).

A autora também destaca que, neste período de transição, é preciso que alunos e professores se sintam com liberdade de errar, pedir ajuda, compartilhar conhecimentos e se dar o tempo necessário para a adaptação (BEHAR, 2020).

Também é pertinente destacar, na comparação entre o ERE e a EAD, que esta se dá com respaldo de Instituições de Ensino Superior e, principalmente, com toda a infraestrutura de polos presenciais que contribuem com o acesso à internet dos estudantes e aprendizes. Essa, infelizmente, não é uma característica do ERE. Faz-se importante saber as consequências que o ERE traz para os alunos que não têm acesso à internet, e, também, para aqueles que possuem acesso à Web, mas que, por motivos diversos, não conseguem acompanhar ou fazer as atividades remotas. Também é preciso discutir a desistência e a evasão de parte significativa destes alunos, pois sem o devido suporte tecnológico, os estudantes se sentem desanimados e despreparados para prosseguir.

Com base em Ribeiro (2020), podemos pensar que os professores, no ERE, têm se superado na busca por possibilidades de um ensino e aprendizagem significativos, muitas vezes improvisando a fim de encontrar soluções para problemas para os quais não estavam aptos para resolver. Nesse sentido, uma característica do ERE é sua diversidade: o ensino remoto tende a ser implementado em cada região ou município de uma forma muito particular, com especificidades locais, sendo estabelecido em grande medida por aquilo que cada docente é capaz de efetuar. É

possível, inclusive, que mesmo os docentes que atuam em uma mesma turma, de um mesmo ano letivo, em uma mesma escola, atuem de forma completamente diferente no ERE, tendo em vista suas possibilidades didáticas e tecnológicas.

Embora o sistema pelo qual os professores desenvolvam as suas aulas possa ter mudado drasticamente, a maneira de ministrar essas aulas também pode ter seguido a mesmo. Ou seja: cada professor pode (ou não) ter mudado totalmente suas aulas em função do ERE. Alguns docentes podem ter mantido o padrão de aulas de antigamente, usando inclusive o mesmo material. Em alguns casos, esse material apenas era entregue de forma impressa (pela escola) para os pais, que levam o levam ao seu filho, em casa.

Dessa ampla diversidade de meios e modos de implementar o ERE, talvez um dos elementos mais comuns a todos os contextos seja a exaustão profissional: o professor trabalha incansavelmente para que as atividades pedagógicas cheguem aos alunos de forma correta, sempre tentando sanar as dúvidas que surgem, investindo em aulas online (quando possível) pelo *Meet* e pelo *Classroom*, tentando manter o contato virtual etc. Embora não seja o ideal para o ensino infantil, principalmente, se faz necessário esse ensino remoto, que ainda é a alternativa mais viável nesse momento.

4.2. ERE: ENTRE PROBLEMAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Nesse contexto de pandemia, o ERE surgiu como uma solução para os problemas enfrentados pela educação no momento, mas a realidade social brasileira mostrou que os desafios a enfrentar eram muitos. Um deles é que a Educação Básica é preparada para o ensino presencial, e a grande maioria dos professores não estava devidamente habilitado para usar as tecnologias digitais em rede como um meio para exercer a sua prática. Sobre isso, Castaman e Rodrigues (2021) ressaltam que, por o ensino ser prioritariamente presencial, não houve um estímulo para que os professores desenvolvessem metodologias e estratégias que possibilitassem um domínio no uso das tecnologias aliadas à educação, o que poderia ser de grande ajuda nesse contexto pandêmico que chegou de forma inesperada.

Provavelmente por força do hábito, esta situação, pode ocasionar desconforto de alguns docentes que veem na transmissão de conteúdos, a principal

possibilidade de ensinar, e esse parece ser um sentimento e uma percepção corroborados por alguns estudantes. (CASTAMAN; RODRIGUES, 2021, p. 9)

Para muitos professores e alunos, foi extremamente difícil a adaptação ao ERE, pois o ensino remoto, para acontecer de maneira adequada, necessita que o professor modifique sua práxis, muitas vezes migrando para uma “práxis tecnológica” (COSTA *et al.*, 2020a), utilizando novas e diferentes metodologias para ao menos tentar auxiliar o aluno no acesso ao conhecimento. Essa mudança desacomoda, exige pesquisa, enfrentamento, abertura à novas ideias, e nem todos os professores estão preparados para uma mudança tão brusca e radical em sua maneira de trabalhar.

Outro aspecto, apontado por Castaman e Rodrigues (2021), é o fato de que o professor é visto e se vê como centro do processo de aquisição de conhecimento, sendo difícil para o aluno assumir o protagonismo e a responsabilidade pela sua própria aprendizagem. Nesse viés, precisamos considerar que segue sendo difícil para o professor promover e até mesmo aceitar essa autonomia discente na construção de saberes (CASTAMAN; RODRIGUES, 2021).

Outro problema, talvez o mais comum e mais grave, é a exclusão digital, conforme já apontado. A exclusão digital cria um abismo enorme entre quem possui acesso à tecnologia e quem não possui. Esse é um problema que atinge o Brasil inteiro e, também, a cidade de Quaraí, já que muitas escolas precisam disponibilizar o conteúdo das aulas impresso, pois vários alunos não possuem uma internet de qualidade, enquanto outros sequer possuem acesso à Web, o que os impossibilita de assistirem às aulas e ouvir a explicação do professor. No início da pandemia, essa prática também consistia em perigo de saúde pública, já que as pessoas (os pais ou responsáveis pelas crianças e jovens) necessitavam deslocar-se para ir até a escola buscar o material didático impresso, e dessa maneira poderiam estar expostas ao contágio.

Existem também casos em que a família possui apenas um celular, que precisa ser utilizado por duas ou mais crianças, muitas vezes no mesmo horário, o que impossibilita o acesso. Embora o celular seja hoje uma tecnologia muito popular (ALDA; LEFFA, 2014), ainda é necessário que tal recurso se popularize mais, assim como é necessário considerar que nem toda atividade pedagógica cabe ou é suficientemente produtiva quando efetuada no celular.

Também é preciso lembrar que, principalmente para os alunos dos anos iniciais, a aula precisa ir muito além do uso de vídeos explicativos, aulas gravadas e

material para leitura disponibilizado em formato PDF. Os alunos precisam de atenção, de envolvimento nas práticas de interação, de acompanhamento individual, o que dificulta muito a ação do professor no sistema de ERE. Essa ênfase nas aulas expositivas e sem interações é um ponto bastante discutido nos estudos feitos sobre possibilidades e desafios no ERE. Conforme Fonseca *et al.*:

Constatamos que a afetividade, ou mesmo ausência de contato, foi um dos pontos negativos mais reportados pelos alunos, o que nos leva a entender que muitos problemas no ensino presencial foram transferidos e podem até ter sido piorados com o ensino remoto (FONSECA *et al.*, 2021, p. 8).

A interação, uma característica do ensino presencial, e tão dificultada no ensino remoto, é uma outra questão que prejudicou bastante os alunos neste período. O pensador Lev Vygotsky enfatizava a importância da interação do indivíduo com os outros e com o meio para que ocorra o ensino e aprendizagem, lembrando que essa interação possibilita experiências e conhecimentos. Sobre isso, Freitas (s.p.) esclarece:

O ser humano é um misto de físico, afetivo e cognitivo, não devendo ser pensado de forma estática e desmembrada, uma vez que ele é único e indissociável. No entanto, este ser global não é acabado e sua constituição se dá a partir da interação com o outro. É essencial recordar este aspecto, base da teoria vygotskyana, que considera a interação social como fator fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas caracteristicamente humanas (FREITAS, s.p., p. 96).

Manter a produtividade também é um desafio, pois a internet oferece inúmeros recursos, mas também muitas distrações e para os alunos acostumados ao ensino presencial onde estão sob a supervisão do professor, estudar de forma autônoma e disciplinada constitui uma situação bastante problemática. Além disso, o fato de estar em casa, lugar de descanso e lazer, dificulta a concentração, pois há os estímulos ambientais, como as conversas, os animais de estimação etc. A dificuldade em estabelecer um horário definido para os estudos, já que outras pessoas convivem no mesmo ambiente a procrastinação e estes problemas ainda podem ser vistos de uma perspectiva otimista, já que muitos alunos não dispõem sequer uma estrutura básica adequada para poder estudar.

Mas e o que dizer dos alunos com deficiências e que necessitam de uma didática especial para aprender? O que dizer dos professores que encontram dificuldades para trabalhar com esses alunos no sistema presencial e quanto mais no ensino remoto? Como criar práticas educativas adequadas para esses alunos no

contexto do ERE? Essas são questões que desafiaram os professores e para as quais as respostas nem sempre se mostraram adequadas e que exigiram, no mínimo, uma reorganização das práticas pedagógicas ainda mais profunda do que a utilizada com os alunos que não possuem deficiência. Sobre essas dificuldades, Neta *et al.* (2020) ressaltam que

a inclusão dos alunos pela via da possibilidade de realização das atividades, a dificuldade das famílias na mediação com as tarefas e o próprio planejamento coletivo dos professores neste contexto potencializam os desafios da inclusão e da participação de todos no processo educativo. (NETA *et al.*, 2020, p. 6).

Os autores também apontam que para diminuir as enormes dificuldades encontradas por esses alunos no acesso ao ensino e aprendizagem feito pelo sistema remoto, são os professores do atendimento educacional especializado, AEE que disponibilizam atividades flexibilizadas/adaptadas, contação de histórias e que orientam por telefone ou *WhatsApp* os pais desses alunos, ficando com maiores responsabilidades em relação aos professores da sala comum. Neta *et al.* (2020) esclarecem que

Portanto, a elaboração e disponibilização de atividades flexibilizadas/adaptadas para os alunos com deficiência não é função do professor do AEE, uma vez que o ensino dos conteúdos curriculares é tarefa do professor da sala comum. Responsabilizar o professor do AEE por essa tarefa é também excluir o aluno com deficiência da participação e do convívio no mesmo ambiente comum de aprendizagem, seja ela presencial ou virtual (NETA *et al.*, 2020, p. 15).

As soluções para os problemas do sistema ERE começaram a surgir no final de 2020, com estudos e pesquisas que abordaram o tema buscando encontrar possibilidades para que o ensino remoto acontecesse de maneira a permitir um ensino e aprendizagem de qualidade.

Conforme Arruda (2020), muitos países passaram a discutir estratégias e mecanismos para que se mantenha a conexão educacional no período de ERE, provando que somente através de políticas públicas poderá ser resolvido muitos dos problemas da educação surgidos na pandemia, principalmente o de acesso. O autor cita países como China e Coreia onde houve um intenso investimento por parte do estado com o objetivo de minimizar as dificuldades enfrentadas pela educação nesse período. As políticas públicas adotadas passam desde a

distribuição de equipamentos a alunos e convênios com empresas para garantir gratuidade de acesso a aplicativos e à internet, à elaboração de materiais didáticos em formato digital, utilização de inúmeros aplicativos para apoio pedagógico e transmissão remota das aulas em tempos semelhantes à educação presencial (ARRUDA, 2020, p. 264).

No Brasil, O PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) Emergencial⁸⁷, instituído pela Resolução/CD/FNDE nº 16, de 07 de outubro de 2020, uma verba enviada pelo governo federal a todas as escolas para que elas se adequassem aos protocolos exigidos em função da calamidade provocada pela pandemia da COVID-19 ajudou, ainda que de maneira tímida, as escolas a estabelecerem pequenas melhorias para diminuir as principais dificuldades de acesso a fim de auxiliar no ERE. Essa resolução previa, entre outros, o uso dessa verba para aumentar a melhoria de conectividade e acesso à internet para alunos e professores. Na cidade de Quaraí algumas escolas fizeram uso dessa verba para melhorar a sua rede de acesso à internet e possibilitar que os professores pudessem dar suas aulas de modo síncrono para aqueles que voltaram às aulas no início do mês de agosto de 2021 e os que assistiam a essas aulas de suas casas. Porém nem todos os gestores tiveram essa visão e muitas escolas ainda seguiram com suas aulas pelo *Meet*.

Essa atitude de alguns gestores abre enormes possibilidades de aliar de uma vez por todas as tecnologias à educação, sendo vista como uma das possíveis soluções para alguns dos problemas que surgiram muito antes da pandemia, sendo um deles o empenho dos professores em aliar as tecnologias às suas práticas.

A mídia está repleta de artigos e entrevistas que listam (1) a dificuldade encontrada pela escola e pelos professores em contatar e localizar os responsáveis pelos alunos, (2) a burocracia no acesso ao *Google Classroom* e (3) a falta de aparelhos eletrônicos por parte de alunos (e até mesmo professores) como os grandes desafios enfrentados nesse contexto de pandemia. Porém, o mais grave desafio enfrentado por alunos da rede pública em 2020 foi, sem dúvida, a falta de acesso à internet. A revista Galileu, em artigo⁸⁸ de Tiemi Osato, destaca estudo com quase 70% das secretarias de educação do país apontando que os recursos mais utilizados durante o ERE foi o material impresso distribuído pelas escolas e as orientações dos professores via *WhatsApp*.

⁸⁷ Boletim informativo Dicas PDDE- Brasília, outubro de 2020. Boletim nº 2 - Edição 13, Ano 5.

⁸⁸ Revista Galileu. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/03/acesso-internet-foi-maior-dificuldade-de-alunos-da-rede-publica-em-2020.html>>.

O ERE trouxe alguns benefícios para a educação, como o uso das novas tecnologias, sendo implementadas não só para o lazer, mas também para auxiliar no aprendizado. Infelizmente as desvantagens também são muitas, e a principal delas aponta para as questões de desigualdade social e a falta de políticas públicas para popularizar as tecnologias, essenciais para a educação atual.

4.3. A APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUARAÍ NO ERE

Quaraí é uma cidade no Estado do RS, localizada na fronteira oeste. Possui uma área de 3,238 km, de acordo com o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, que indicava uma população estimada em 22.531 pessoas. Tal número aumentou para 23.555 habitantes, segundo o IBGE de 2016.

O município faz fronteira com a cidade de Artigas-Uruguai. Sua infraestrutura vem se modificando, embora de maneira gradual, com o tempo. No centro da cidade, é bastante comum ver prédios sendo construídos. Seus bairros, ruas e estradas também passam por estas transformações, e conta com escolas públicas e privadas. Entre as redes estadual e municipal há uma média de 4.900 estudantes das escolas de Educação Infantil até o Ensino Médio, tendo ainda mais de 500 estudantes na rede privada. Quaraí também possui um polo de apoio presencial para estudantes do Ensino Superior – Polo UAB (Universidade Aberta do Brasil) – que oferece cursos de licenciatura, bacharelado e Especialização (pós-graduação).

No contexto da pandemia do COVID-19, o governo tomou medidas de prevenção ao contágio decretando a suspensão das aulas presenciais nas escolas da rede pública e privada e orientando as escolas municipais a distribuírem material impresso aos alunos. As escolinhas de Educação Infantil mantiveram a merenda escolar distribuída diariamente às famílias no período mais crítico da pandemia. As escolas estaduais do município também disponibilizaram kits de cestas básicas aos alunos que recebem auxílio do programa Bolsa Família e aos em situação de vulnerabilidade e com pais que trabalham de forma autônoma, como os motoboys, faxineiras, manicures etc., pois muitos deles passaram a depender apenas do auxílio emergencial, já que o distanciamento social impediu a realização de muitas dessas atividades. O material impresso, tanto nas escolas estaduais como nas municipais, foi disponibilizado sem qualquer custo aos alunos. Uma das escolas estaduais

disponibilizou esse material aos alunos do interior através de parcerias com o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural, Emater, o que contribuiu para que essas famílias não tivessem que se deslocar do interior do município até a cidade, auxiliando assim na prevenção do contágio e ao controle do vírus.

Foram vários os decretos relacionados à educação e ao funcionamento das escolas no município e eles iam se alternando à medida que o monitoramento da COVID-19 indicava, mudanças nos números de casos da doença e conforme o sistema de bandeiras⁸⁹ instituído pelo governo do estado e que serve para indicar as medidas necessárias a serem tomadas para contenção da pandemia.

No decreto 11 de 2020⁹⁰ o governo municipal suspende por tempo indeterminado as atividades da rede pública municipal e particular, mantendo aos alunos o direito à merenda escolar. O decreto municipal de nº 39 de 30 de junho de 2020 permitiu a reabertura gradual das atividades com a presença física dos estudantes desde que o município estivesse com bandeira laranja ou amarela e desde que cumprissem o protocolo emergencial e apresentassem um plano de contingência ao Comitê de crise. Esse decreto se aplicava somente aos chamados cursos livres que entendem os profissionalizantes, os de idiomas, Ensino superior entre outros. As escolas trabalhavam com ERE e seguiam enviando o material impresso aos alunos nesse período. Também utilizavam os grupos de *WhatsApp* para dar orientação aos pais e alunos.

O decreto 066 de 2020 o retorno da rede particular de ensino às suas atividades presenciais, seguindo regimento os protocolos de medidas sanitárias e estabelecendo um plano de contingência para a prevenção, monitoramento e controle da epidemia do COVID-19 e, também, a criação de um Centro de Operações de Emergência para a Educação (COE-E local), observando o limite de 50% de alunos por sala de aula e o limite de permanência de 2 horas, do aluno no ambiente escolar. O decreto municipal de nº 74 suspende as aulas presenciais até o dia 31 de dezembro de 2020.

⁸⁹ Sistemas de bandeiras. Disponível em <<https://estado.rs.gov.br/bandeiras-e-protocolos-entenda-o-modelo-de-distanciamento-controlado>>.

⁹⁰ Decretos municipais 2020/2021: <<https://www.quarai.rs.gov.br/2020/covid19/quarai.html>>.

O decreto 011 de 11 de fevereiro de 2021, em seu artigo 6º autoriza o funcionamento das escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio privadas, durante 04 (quatro) horas por turno, sendo observada a ocupação de 50% do PPCI, por sala de aula, bem como todas as medidas sanitárias de prevenção.”. O decreto municipal 026/2021 suspende as aulas, pois o município estava com 113 casos ativos e em bandeira vermelha. As escolas estaduais e municipais continuavam em ERE e mantinham a entrega de materiais impressos aos alunos.

No dia 05 de julho de 2021 a Secretaria Municipal de Educação informou o retorno das atividades presenciais (modelo Híbrido) na rede municipal de ensino. Neste primeiro momento, retornaram os alunos no Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, cujos pais, assinaram o termo de responsabilidade disponibilizado pelas escolas no mês de junho. Os demais retornaram dia 2 agosto, junto com a Educação Infantil, após o recesso dos professores. No dia 04 de agosto houve o retorno das escolas estaduais, mas com metade da turma e obedecendo a protocolos sanitários.

O contexto encontrado na cidade de Quaraí não difere muito do encontrado no resto do país, com professores cansados, com carga de trabalho extra, procurando aprender a usar as tecnologias digitais em rede. Tais professores seguem buscando novas metodologias e revisando a sua práxis todos os dias, pensando em uma educação de qualidade dentro da realidade vivenciada. Os alunos, em muitos casos, estão desmotivados, por não conseguirem entender o conteúdo da forma como está sendo ministrado, e/ou por falta da devida mediação presencial de um familiar ou responsável, no caso dos aprendizes mais novos. Outros casos mais graves mostram alunos sem a menor infraestrutura para o ensino remoto, não dispoem de conexão com a internet, nem ferramentas que possibilitem o acesso às aulas e ao material disponibilizado e muitas vezes nem sequer um espaço onde consigam assistir às aulas sem interferências. Nas escolas de periferia, os alunos que possuem um celular, na maioria das vezes, precisam dividir com seus irmãos, o que inviabiliza um aprendizado de qualidade. Esses casos preocupam, entristecem e desmotivam alunos e professores. Afinal: como exigir dedicação e comprometimento de quem não possui nem mesmo o básico? Mesmo em face desse cenário nada promissor, a educação caminha em pequenos e arriscados passos na direção de buscar melhores resultados possíveis dentro dessa conjuntura. Ela se transforma e se adapta à realidade vivida pela sociedade e enfrenta com coragem os desafios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como finalidade maior discutir sobre o direito à (e a qualidade da) Educação Básica em tempos de pandemia e de ERE, deixando espaço para que muitas outras pesquisas venham a ser feitas e acrescentadas sobre o tema, que não se esgota. É razoável dizer que, na agenda da LA contemporânea, os impactos da pandemia de COVID-19 e do ERE no ensino de línguas seguirão em pauta por muitos anos.

Pode-se dizer que este estudo cumpriu seu objetivo, no sentido de apresentar pesquisas (em material bibliográfico sobre o assunto) e informações que podem contribuir e trazer novas perspectivas sobre esse tema tão discutido atualmente. Das pesquisas bibliográficas feitas sobre as inúmeras dificuldades enfrentadas na implantação do ERE, há certos consensos e unanimidades quanto aos maiores desafios enfrentados pelos docentes e discentes. E, possivelmente, as principais dificuldades encontradas pelos professores dizem respeito ao acesso à internet e a falta de letramentos digitais dos professores, que levam a maiores problemas, enfrentados tanto por alunos como professores de línguas, que precisaram aprender a utilizar plataformas educacionais *online*, recursos e ferramentas digitais. Esse problema, cabe repetir, não é de hoje ou exclusivo do tempo presente: há décadas sinaliza-se a importância de formação e capacitação docente para os letramentos digitais e para o uso de tecnologias em rede no ensino de línguas.

O legado e a obra do educador Paulo Freire (1996, 2001) seguem atuais e fazendo muito sentido neste contexto de adequação ao ERE, de revisão de prática, de pesquisa, de busca por novas metodologias e aplicação de novos recursos. Precisamos, enquanto educadores, estarmos cientes do nosso inacabamento e continuamente nos reinventarmos, buscando fazer uso crítico de tecnologias digitais (COSTA *et al.*, 2020a). Com base na obra de Freire, podemos discutir a formação docente e a necessidade da reflexão sobre a prática educativa, para que haja um ensino de línguas significativo, bem como o exercício da autonomia por parte do educador e do educando.

Pode-se dizer que o ERE foi implantado sem um planejamento adequado, de forma temporária e emergencial, deixando os professores e alunos (tão acostumados ao sistema de aulas presenciais), sem saber muito como proceder. Embora estivesse longe de ser apropriado, foi o ERE que permitiu – dentro do que era possível – que as

atividades educacionais no Brasil continuassem com o mínimo de prejuízo para os alunos.

Nesse contexto, o docente teve de se reinventar, buscar diferentes metodologias para incorporar à sua prática e possibilitar que o ensino e aprendizagem de línguas ocorra de forma significativa. Não só o professor, mas também alunos, tiveram que reaprender a aprender, e tiveram de ter disciplina e autonomia para levar a sério os seus estudos em casa. Os membros da família do estudante tiveram de cumprir um papel que, por muito tempo, foi delegado aos professores: o papel de mediação da aprendizagem. Pais e responsáveis, quando possível, tentavam auxiliar seus filhos nas atividades impressas enviadas pela escola ou disponibilizadas em grupos de WhatsApp e nas plataformas educacionais.

Todos aprenderam, todos enfrentaram o desafio do ERE e alguns venceram os muitos desafios e as muitas precariedades na educação em tempos de pandemia. Porém muitos “ficaram pelo caminho”, isto é, excluídos digitalmente ou em termos de acesso à educação online, tanto pela falta de incentivo e motivação por parte da família como por problemas de infraestrutura como a falta de uma internet de qualidade e aparelhos tecnológicos que permitissem o acesso às aulas.

Nos últimos tempos a escola empenhou-se em fazer dar certo o modelo de ensino híbrido, que consiste em combinar atividades presenciais e remotas, que funcionou como uma espécie de rodízio entre os alunos nas salas de aulas. E agora trabalha com a volta total dos alunos ao ensino presencial, porém é inegável que nada mais será como antes. Alunos e professores voltam às aulas com uma bagagem maior de conhecimentos, de implementações de novas metodologias às suas práticas, mas também com a enorme defasagem de aprendizado dos alunos neste um ano e meio que ficaram longe das salas de aula. Pesquisas e estudos futuros na área de LA deverão dar conta de investigar mais profundamente as lacunas e defasagens educacionais do que foi vivenciado em 2020 e 2021 em termos pedagógicos e linguísticos.

A escola mais uma vez terá que se reinventar e encontrar caminhos que superem as perdas deste período utilizando para isso o conhecimento aprendido nas inovações e mudanças conquistadas e nas experiências adquiridas.

REFERÊNCIAS

- ALDA, L. S.; LEFFA, V. J. **Entre a carência e a profusão: aprendizagem de línguas mediada por telefone celular**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul– v.13, n.26, jul./dez.2014.
- ALVES, L. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade**. Interfaces Científicas. Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/9251/4047>. Acesso em 02/11/2021>. Acesso em: 02/11/2021.
- ANTUNES, I. **Aula de Português-encontro e interação**. Parábola editorial, 6º edição, abril 2003.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede – Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275.
- BARRETO, F. A. **Linguística Aplicada: definição, ética e diário reflexivo**. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Francelho%20Alves%20Barreto-%20ok.pdf>. Acesso em: 28/11/2021.
- CASTAMAN, A. S.; RODRIGUES, R. A. Educação a distância na crise do COVID - 19: um relato de experiência. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, Itabira, v. 9, n. 6, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3699>>. Acesso em: 5/11/2021.
- CELANI, M. A. A. **Afinal, o que é Linguística Aplicada?** Disponível em <<https://wisley.net/wp-content/uploads/2019/03/Afinal-o-que-%C3%A9-LA-Celani.pdf>>. Acesso em 28/11/2021.
- COSCARELLI, C. V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- COSTA, A. R. Um olhar freireano sobre a educação na pandemia: inquietações de educadores e educadoras. **Revista Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, Ponta Grossa, v. 29, p. 1-7, 2021.
- COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F.; KIELING, H. S.; FIALHO, V, R. **Paulo Freire hoje na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora CirKula, 2020a. 100p.
- COSTA, A. R.; FIALHO, V, R. Ontem, hoje e amanhã: sobre a web e as ferramentas colaborativas emergentes para o professor de língua estrangeira. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 147-173, 2017.
- COSTA, A. R.; FIALHO, V, R.; BEVILÁQUA, A. F.; OLIVEIRA, E. 10 anos de Jornada de Elaboração de Materiais, tecnologias e Aprendizagem de Línguas: estado da arte. In: LEFFA, V. J.; FIALHO, V, R.; BEVILÁQUA, A. F.; COSTA, A. R. (Org.) **Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em Linguística Aplicada**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020b, v. 1, p. 19-43.
- CUNHA, L. F. F.; SILVA, A. S.; SILVA, A. P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>. Acesso em: 13/11/21.

DUTRA, J.; GUIMARÃES, V.; M. da G., & Moraes Moraes, A. F. (2021). **Ensino Remoto e a Pandemia da Covid-19: experiências e aprendizados**. EmRede - Revista De Educação a Distância, 8(1). Recuperado de <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/729>>. Acesso em: 12/11/2021.

FIALHO, V. R. **Estratégias e metodologias para entender o ensino remoto emergencial**. Seminários Abertos de Letras (UFSM). 27/01/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v-7q_Hljyqw&t=3418s&ab_channel=Semin%C3%A1riosAbertosLETRASUFSM>. Acesso em: 12/11/2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto**. 2ª ed. s/l: Ática, EDUFJF, ABDR, s/d. Disponível em <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/asinteracoes-sociaisemygotsky-e-sua-importancia-no-desenvolvimento-global/17173>>. Acesso em: 21/11/2021.

GAMA, A. M. O Letramento digital e a escola como sua principal agência. **Memento**: Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR, v. 3, n. 1, jan./jul. 2012.

LEFFA, V J. **A Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade**. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2019. Brasília: MEC, 2020.

MCHOTA, E. J. **Saberes Necessários à atuação do(a) Professor(a)**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 03, Ano 02, v. 01, 2017, p.215-227.

MONTEIRO, R. S. **A Linguística Aplicada e o processo de Letramento**. Revista de Letras, n. 21, v. 1/2, jan./dez. 1999. Disponível em <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl21Art15.pdf>>. Acesso em: 21/11/2021.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Cortez; 2011.

NETA, A. S. O., NASCIMENTO, R. M.; Falcão, G. M. B. **A Educação dos Estudantes com Deficiência em Tempos de Pandemia de Covid-19**. Revista Interações, Santarém (Portugal), vol. 16, n. 54, 2020, p. 25-48. Disponível em <<https://doi.org/10.25755/int.21070>>. Acesso em: 22/11/2021.

NÓVOA, A. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Lisboa-Portugal.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

RIBEIRO, A. E. **Educação e Tecnologias Digitais: ciclos da precariedade diante da pandemia**. Abralin ao Vivo. 25/06/2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-lfTzT7oFI&t=642s&ab_channel=Abralin>. Acesso em: 12/11/2021.

SANTOS, R. W. C; PAZ, A. M. O. **Os estudos de letramento no âmbito da Linguística Aplicada: diálogos que se entrelaçam**. 2014. In: XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa - Paraíba, Brasil. 2014.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.

Recebido em: 21/12/2021.

Aprovado em: 01/09/2022.